

O agronegócio é o seguinte

Café é câmbio

NA HISTÓRIA do Brasil uma valorização do câmbio acima da dose é um fenômeno conhecido e repetitivo. O caso mais emblemático ocorria quando o “café era câmbio”, como dizia o professor Eugênio Gudín, que foi vice-presidente da FGV e ministro da Fazenda. O produto era o epicentro em torno do qual se movimentava a economia nacional, conforme a concentração geográfica e as variações climáticas.

Em diversas ocasiões, as geadas provocaram enormes quebras nas safras nacionais. Diante de sua demanda inelástica (baixo impacto do preço sobre a quantidade), o preço internacional do produto sofria forte elevação. Com mais da metade da safra mundial, o Brasil tinha no café 70% da receita de exportação. O fluxo de recursos para o País inflava e a taxa de câmbio de “equilíbrio natural” valorizava-se.

O resultado era um verdadeiro desastre para as outras atividades brasileiras exportadoras ou substituidoras de importação. Ainda incipientes, com fraca competitividade, desenvolviam-se “naturalmente” com a taxa de câmbio de “equilíbrio” anterior à geada. Com a valorização do câmbio, elas sucumbiam com a avalanche de produtos importados.

A relação do café com o Brasil é de causa e efeito. Um fez o outro. Nesses 280 anos, a rubiácea criou cidades, abriu fronteiras e gerou riqueza por onde passou. Cultura nômade a princípio, do Pará o café foi para o Rio de Janeiro e, de lá, seguiu para o Vale do Paraíba, no estado de São Paulo e, via serras fluminenses, conquistou Minas Gerais e, em seguida, Paraná e Espírito Santo.

A industrialização do País perseguida pelo presidente Juscelino Kubitschek (1956-1960) foi financiada em grande parte com o dinheiro obtido com a exportação desse produto agrícola.

Agora, sem hesitação, a conclusão lógica é de que o agronegócio é câmbio. O saldo do setor na balança comercial fica próximo de US\$ 140 bilhões. Isso explica uma parte da atual valorização do câmbio, que afeta inclusive a própria cadeia produtiva do café.

O fato da economia do café não ter mais na balança comercial o peso de décadas passadas, é um indicador do crescimento do Brasil, que comercializa desde aeronaves até bens de capital e de consumo, assim como produtos agrícolas diversificados. Mas a importância do produto na economia do País continua inquestionável: o Brasil é o maior produtor mundial, com safras em torno de 35 milhões de sacas, e o maior exportador, com mais de 30% do *market share*. E ainda representa o segundo maior mercado consumidor.

A cadeia produtiva do café integra uma rede imensa de agentes, com agrônomos e pesquisadores; uma base comercial e exportadora dinâmica e preparada para escoar qualquer tamanho de colheita; possui um parque industrial apto para oferecer tanto café torrado e moído quanto solúvel, e tem uma estrutura produtora de elevada qualidade, em função dos investimentos feitos pelos produtores. Além disso, com parceiros em todos os elos, que são, de um lado, os fornecedores de insumos, máquinas e serviços e, de outro, os profissionais do comércio, como supermercados, cafeterias, panificadoras, bares, hotéis e restaurantes.

Com informações e análises atualizadas, a exemplo das edições em anos anteriores, *Agroanalysis* apresenta um caderno especial sobre o café. Uma fonte de conhecimento e de pesquisa para o nosso leitor. Outras matérias interessantes complementam o presente número. O aquecimento do preço das *commodities* agrícolas é motivo de um profundo estudo, enquanto a saga do etanol, com seus desafios de sintonizar a produção e a demanda também merece uma prospecção e um comentário. Boa leitura. ■